



o “NÃO” do Papa Francisco
ao sacerdócio das mulheres:
resquícios do patriarcado.

ÚLTIMAMENTE O PAPA FRANCISCO surpreendeu os teólogos com uma entrevista dada à revista jesuíta *America* de 22 de novembro, dizendo um “NÃO” ao sacerdócio das mulheres. Utilizou uma argumentação inusitada, tomada de um teólogo ex-jesuíta ***HANS URS VON BALHAZAR**, muito erudito mas metido numa relação singular com uma médica e mística suíça **ADRIENNE VON SPEYER**. Dele o Papa toma uma distinção que lhe permitiu negar o sacerdócio à mulher: **o princípio-mariano e o princípio-petrino**. Curiosa e inusitada é esta distinção do Papa Francisco. Maria seria a esposa da Igreja, enquanto Pedro é seu condutor.

Observemos que dizer Maria como esposa da Igreja é uma metáfora e não uma definição real como afirmar “**a Igreja é a comunidade dos fiéis**”. Será correta e justa esta distinção metafórica rara na tradição mas retomada por num teólogo erudito, mas tido como extravagante? *

Vale sublinhar a seguinte lógica: **sem o Espírito Santo não haveria Maria. Sem Maria não haveria Jesus. Sem Jesus não haveria Pedro, feito o principal dos Apóstolos. Sem Pedro não haveriam sucessores, chamados Papas.**

Temos apoiado em quase tudo o que o Papa Francisco tem escrito e ensinado. Mas neste ponto permito-me afastar-me criticamente (pois este é também o ofício da

teologia razonada). Sinto-me apoiado na argumentação dos melhores teólogos da atualidade, somente para citar o maior deles, meu antigo professor em Munique, **KARL RAHER** (+1980). É praticamente unânime a opinião desses teólogos de que não há nenhum empecilho doutrinário que impeça o acesso das mulheres ao sacerdócio, como o tem feito outras igrejas cristãs não católicas. Somente uma visão machista da fé cristã e certa interpretação dos evangelhos, contaminada pela visão patriarcal sustentam o “não”.

A argumentação a favor do sacerdócio para as mulheres é abundante e minuciosa, coisa que o fiz no meu livro *Eclesiogénesis* de 1982/2021.

Em certos pontos, a argumentação papal, não evita certa contradição, como por exemplo: Maria pode gerar Jesus, seu filho, mas não pode representá-lo na comunidade. Isso soa até ofensivo à grandeza de Maria, portadora permanente do Espírito. Pedro que chegou a trair Jesus e este chegou a chamá-lo até de “*satanás*” por não admitir que padecesse e morresse, pode representar Jesus. Aqui há uma inegável desproporção, culturalmente explicável.

Quem possui maior excelência? Logicamente é **MARIA**, sobre a qual veio o Espírito Santo e estabeleceu sua morada permanente nela (“*episkiásei soi*”: Lc 1,35) a ponto de elevá-la à altura do Divino. Somente a alguém elevado à altura do Divino (Maria) vale afirmar: “o

Santo gerado (por ti) será chamado Filho de Deus”.

A função de Maria e de Pedro são de natureza totalmente distinta. Pedro não é pai de Jesus, enquanto Maria é verdadeiramente sua mãe biológica. Somente alguém, ainda refém do secular patriarcalismo, pode colocá-los no mesmo patamar. Não sem razão, a mulher nunca teve, até hoje, sua cidadania eclesial reconhecida. O evangelho se incarnou na cultura da época que entendia a mulher como um “**mas**”, quer dizer, “um ser humano deficiente ainda a caminho de sua humanidade”. Não diz outra coisa Santo Tomás de Aquino (depois repetido por Freud?) e, no fundo, é o que se se passa na mente das mais altas autoridades eclesiásticas, cardeais e papas. As mulheres são menos, pelo facto de serem mulheres, embora mulheres e homens são igualmente imagem e semelhança de Deus (Gn 1,28). Mais ainda: a maioria da Igreja são mulheres e, mais, as mães e as irmãs de todos os demais homens. Portanto, têm uma proeminência inegável.

O único que escapou desta visão reducionista foi o Papa Bento XVI ao dizer numa entrevista de rádio em 2005: **”Creio que as próprias mulheres com seu impulso e sua força, sua superioridade e com seu potencial espiritual saberão criar o seu espaço. Nós devemos procurar a pôr-nos na escuta de Deus, para que não sejamos nós que as impedire-**

mos” (Bento XVI, 5, VIII, 2006).

Há eminentes razões para sustentar a conveniência e até a necessidade das mulheres que quiserem, aceder ao ministério sacerdotal. Diz uma eminente teóloga e feminista holandesa, A. VAN EYDE: **”A mesma Igreja mesma ficaria ferida no seu corpo orgânico se não desse lugar à mulher dentro de suas instituições eclesiais”** (*Die Frau im Kirchenamt*, 1967, p. 360).

A Igreja hierárquica não pode, dado o avanço da consciência da igualdade dos géneros, transformar-se num reduto de conservadorismo e de machismo. Há aqui uma conceção estéril e rígida no passado, da positividade da fé. Esta não é um recipiente de águas mortas, mas uma fonte de águas vivas, capaz de vivificar novas iniciativas em razão da mudança das mentalidades e dos tempos. Elas, na sua fina sensibilidade, captam o sentido claro dos sinais dos tempos e o expressam com uma linguagem mais adequada aos nossos dias. Vejamos os principais argumentos.

Primeiro, foi uma mulher a testemunhar o facto maior do cristianismo, **a ressurreição de Jesus, Maria Madalena**, chamada por isso de *“apóstola dos apóstolos”*. Sem o evento da ressurreição não haveria Igreja.

Foram elas que seguiam Jesus e garantiam-lhe a infraestrutura material de sua missão.

Elas nunca traíram Jesus, enquanto o principal deles, Pedro, o traiu por ocasião da paixão. Após a

sua crucificação, desencantados, os apóstolos o abandonaram e dirigiram-se para suas casas, enquanto elas velavam ao pé da cruz acompanhando a sua agonia.

Foram elas que cuidaram, dois dias após seu sepultamento, da conclusão do ritual sagrado da unção do corpo com óleos sagrados.

Portanto, **elas mereceriam e merecem uma centralidade** inigualável na comunidade cristã. E até hoje, o patriarcalismo cultural internalizado na mente dos que detém a direção da Igreja, mas também no mundo as mantém subalternas. Na Amazônia profunda e outros lugares distantes, são elas que levam a fé, fazem tudo o que um padre faz, sem, no entanto, poder celebrar a eucaristia, por não serem mulheres ordenadas no sacramento da Ordem.

No entanto, há mulheres, líderes de comunidades, conscientes da maturidade de sua fé, que assumem a totalidade dos sacramentos. Não celebram a missa (que é um conceito litúrgico e canónico), mas a *ceia do Senhor* como vem descrita na Epístola de S. Paulo aos Coríntios. Não o fazem num espírito de rutura com a instituição, mas num sentido de serviço a toda a comunidade, sempre em comunhão teológica com toda a Igreja. A comunidade, segundo o Concílio Vaticano II, tem o direito de receber a sagrada Eucaristia que lhes é negada pelo simples facto de não haver um sacerdote ordenado e celibatário.

Teologicamente importa enfatizar, o que é na prática totalmente

esquecido, que há somente um único sacerdócio na Igreja, aquele de Cristo. Os que vêm sob o nome de “**sacerdote**” são apenas figurações e representantes do único sacerdócio de Cristo. É Ele quem batiza, é Cristo quem consagra, é Ele quem confirma. O sacerdote age apenas “*in persona Christi*” “*no lugar de Cristo*”. Vale dizer, torna visível o que ocorre invisivelmente.

Sua função não pode ser reduzida, como sustenta a argumentação oficial, ao poder de consagrar, (coisa que predominou somente a partir do segundo milénio), uma expressão de poder do clero que se assenhoreou de todas estas funções. Tal concentração de poder sagrado constituiu o clericalismo, em tantas ocasiões, fortemente criticado pelo Papa Francisco. Neste caso, entretanto, concernente ao acesso das mulheres ao sacerdócio tenha ele também decaído em certo clericalismo, melhor, forçado a manter a praxe tradicional para não criar um verdadeiro cisma na Igreja por parte dos grupos agarrados à tradição e mais que tudo, aos privilégios agregados ao clericalismo.

A função do sacerdote ministerial não é acumular todos os serviços, mas coordená-los para que todos sirvam à comunidade. Pelo facto de presidir a comunidade, preside também a eucaristia. Mas se esta, sem culpa, estiver privada dela, **ela mesma pode organizar a celebração da ceia do Senhor.** Todos os serviços (que S. Paulo chama de “*carisma*” que são

muitos) podem muito bem ser exercidos pelas mulheres como se mostra nas igrejas não romano-católicas e nas comunidades eclesiais de base.

Daí compreende-se que mulheres, conscientes de sua maturidade na fé, na ausência do ministro ordenado, elas mesmas assumem tal ministério, fazendo-o em seu estilo próprio de mulher. Não devem solicitar licença à autoridade eclesiástica, porque esta, canonicamente, dirá “não”. Mas elas o fazem em perfeita comunhão teológica com a totalidade da Igreja. E assim é plausível, justo e teologicamente fundado presidirem a Ceia do Senhor.

Logicamente, o *sacerdócio feminino* não pode ser a reprodução daquele masculino. Seria uma aberração se assim fosse. Deve ser um sacerdócio singular, com o modo de ser da mulher com tudo o que denota sua feminilidade no plano ontológico, psicológico, sociológico e biológico. Não será a substituta do padre. Mas verdadeira representante sacramental do Cristo invisível que por elas se torna visível.

Natural e lógico seria se o Papa reconhecesse oficialmente o que elas já fazem na prática e assim tornaria a Igreja, realmente, de irmãos e irmãs, sem exclusões e hierarquizações ontológicas injustificadas. Podemos dizer sem medo de errar: essa divisão entre ordenados e não ordenados (leigos e padres) não se encontra na tradição do Jesus histórico que queria uma

comunidade de iguais e todo poder com mero serviço à comunidade e não como factor de privilégios, de títulos e vantagens sociais e até financeiras.

Tempos virão em que a Igreja romano-católica acertará seu passo com o *movimento feminista* mundial e com o próprio mundo, rumo a uma integração do “*animus*” e da “*anima*” (do masculino e do feminino) para o enriquecimento do humano e da própria comunidade cristã. Os tempos já estão maduros para este salto de qualidade. Só falta a coragem de dar esse passo necessário e inevitável.

* **HANS URS VON BALTHAZAR** no tempo em que eu estava submetido ao “***silêncio obsequioso***” publicamente, em Roma, me denunciou como alguém que negava a divindade de Cristo, coisa que jamais o fiz. Respondeu-lhe um teólogo-jornalista, na primeira página de um diário de Roma com estas palavras: “*Covarde, acusas caluniosamente a alguém que não pode se defender por estar sob o silêncio obsequioso*”. Sua obra principal é *A glória do Senhor* (em sete volumes sobre a fé como estética e contemplação). Foi feito cardeal pelo Papa João Paulo II, mas morreu antes quando se dirigia para Roma.

LEONARDO BOFF escreveu *Eclesiogênese: A IGREJA QUE NASCE DO POVO PELO ESPÍRITO DE DEUS*, Vozes 1984/2021.

As suas grandes amigadas foram com elas

Jesus jamais teve problemas com as mulheres



"Como é possível que as mulheres continuem nesta Igreja que as marginaliza, as exclui, as anula em tantas coisas? Por que seguem uma Igreja que, ancorada em séculos muito passados, se nega e resiste à sua ordenação sacerdotal, ou a que possam ser **esposas de sacerdotes**? Se Jesus não proibiu nada disso, por que razão nós as proibimos e ainda por cima ficamos com a consciência do dever cumprido? O que é mais importante: agradar a uns quantos **cardeais** ou servir ao mundo inteiro?", questiona JOSÉ MARÍA CASTILLO, teólogo espanhol, em artigo publicado por *Religión Digital*, 2020-02-25.

Jesus chegou a anular a lei de Moisés (Dt 24, 1), precisamente quando concedia ao marido o direito de repudiar a sua mulher (Mt 19, 3-9).

Se não levamos a sério o Evangelho, de que nos serve ser muito “canónicos”, muito “piedosos” e muito “clericais”?

UMA DAS COISAS QUE MAIS ME chamaram a atenção, na **leitura e estudo dos Evangelhos**, é que neles se relatam os numerosos conflitos e enfrentamentos que Jesus teve com distintos grupos humanos e pessoas. Desde as mais altas autoridades religiosas até os próprios discípulos que o acompanhavam. Porém, também nos Evangelhos, há um dado que chama poderosamente a atenção: as **mulheres são o único grupo humano com quem Jesus jamais teve um atrito, discussão ou qualquer problema**. Inclusive no **caso da mulher cananeia**, que lhe suplicava a cura de sua filha enferma

(Mc 7, 26), parece que Jesus deu-lhe uma má resposta (Mc 7, 28). Porém o carinho daquela mãe foi tão grande, que fez Jesus dizer: **Mulher que grande é a tua fé**” (Mt 15, 28). E a filha ficou curada.

Insisto: Jesus sempre esteve do lado das **mulheres**. Um grupo **significativo acompanhava-o em suas viagens** (Lc 8, 1-3). E sempre se pôs ao lado delas, ainda que se tratasse de adúlteras (Jo 8, 1-11) ou prostitutas (Lc 7, 36-50). As suas grandes amigas foram com **mulheres** (Lc 10, 38-42; Jo 11, 1-46). Por uma **mulher**, Jesus deixou-se perfumar com um perfume valioso (Jo 12, 1-8). E foram as mulheres que se mantiveram fiéis a Jesus na sua paixão e morte: no caminho do Calvário (Lc 23, 27-31) e depois da morte (Mc 15, 40-41), diante da cruz.

E mais, Jesus chegou a anular a **lei de Moisés** (Dt 24, 1), precisamente quando concedia ao marido o direito de repudiar a sua mulher (Mt 19, 3-9). E, além do mais, os relatos da ressurreição destacam as **mulheres como se elas fossem as primeiras testemunhas do Ressuscitado**.

Vejamos, Jesus disse a Pedro que era um **“Satanás”** (Mt 16, 23). E disse-o pouco depois de assegurar que o próprio **Pedro seria a “rocha”** sobre a qual Cristo pensava edificar a sua Igreja (Mt 16, 18). Mas **Pedro** não foi capaz de enfrentar Jesus. E, ainda, na Paixão, **Pedro renegou três vezes** que conhecia ou era um dos discípulos de Jesus. E, no final, Judas o traiu e os outros fugiram, deixando Jesus só.

Na cena da despedida, **Jesus** impôs a seus discípulos três

mandamentos: **1.º)** Tinham que seguir a vida fazendo o que ele fez naquela noite: **lavar os pés dos demais**. Ou seja, tinham que se fazer escravos de todos, já que isso era o que faziam os escravos: **lavar os pés**. **2.º)** Tinham que **partir e partilhar o pão e o vinho**, já que, nesse pão e nesse vinho (da **“eucaristia”**) está realmente presente o próprio Jesus. **3.º)** No **Evangelho de João**, não se recorda a **ordem eucarística**, no seu lugar, nos é dito que Jesus impôs um **“mandamento novo”**: **“amai-vos uns aos outros como eu vos amei”** (Jo 13, 34-35).

Porque é que esse terceiro mandamento é “novo”? Porque aqui já não se recorda o amor a Deus sobre todas as coisas. **Porque no “outro”, seja quem for, é onde “está Deus”**. De forma que somente aquele que ama o outro pode conhecer Deus (1 Jo 4, 7-21).

COMO É POSSÍVEL QUE A IGREJA TENHA ORGANIZADO AS COISAS DUMA MANEIRA QUE CONTRARIA O QUE JESUS NOS DISSE E NOS MANDOU

Ora bem, se tudo isso é verdade (e é o que nos diz a nossa Fé), como é possível que a **Igreja** tenha organizado as coisas duma maneira que contraria o que Jesus nos disse e nos mandou, e, além disso, não somente fica tranquila, mas também desobedece a Jesus **convencida de que o faz com razão**?

Como é possível que isso esteja a ocorrer? Com tantos bispos a viver

em palácios, usando vestimentas que ninguém mais usa, tendo privilégios que ninguém mais tem, crendo que têm poderes porque Deus os fez **bispos**, e ninguém mais além deles. É lógico e inevitável que isto esteja a acontecer na Igreja? **Há bispos que ocultam delitos**, transferem propriedades de valor incalculável para as suas dioceses, premeiam o que lhes convém, castigam o que lhes parece que deve ser castigado, cobram dinheiro para entrar na “casa de Deus”. E fazem essas coisas pensando que tudo isso é a vontade de Deus.

Se digo essas coisas, é pelo muito que gosto da Igreja. Porém, a **Igreja** que amo – e que todos deveríamos amar – **é a Igreja que vive como viveu Jesus**, o Senhor, o Filho de Deus, a Palavra de Deus. Se não levamos a sério o Evangelho, de que

nos serve ser muito “canónicos”, muito “**piadosos**” e muito “clericais”? Não é tudo isso um enorme engano, em vez de ser o caminho que nos traçou Jesus, o Senhor?

E termino fazendo uma pergunta: como é possível que as **mulheres** continuem nesta Igreja que as marginaliza, as exclui, as anula em tantas coisas? Por que seguem uma Igreja que, ancorada em séculos muito passados, **se nega e resiste à sua ordenação sacerdotal, ou a que possam ser esposas de sacerdotes**? Se Jesus não proibiu nada disso, por que razão nós as proibimos e ainda por cima ficamos com a consciência do dever cumprido? O que é mais importante: agradar a uns quantos cardeais ou servir ao mundo inteiro?

https://www.religiondigital.org/teologia_sin_censura/Jose-Castillo-colectivo-Jesus-problema-eucaristia-mujeres-evangelio-iglesia_7_2207849209.html

UMA NOTA SOBRE AS OBRAS DA IGREJA

O Mosteiro da Serra do Pilar foi contemplado, no âmbito do PRR - *Plano de Recuperação e Resiliência*, por uma verba destinada à realização de obras a nível do edifício! Ou seja, coberturas, janelas, paredes (rebocos), instalação elétrica, quer da igreja, quer da sacristia!

Não foi ainda anunciada a data de início da intervenção, estando previsto que decorra durante um ano. Os trabalhos serão desenvolvidos de forma a não colidir com a vida comunitária.